

# PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR  
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII  
N.º 666

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL  
**LO SECULO**

## PERIPÉCIAS DE TOBIAS FILÓSOFO

Por ISABEL AREOSA



O filósofo que mais filosofa nos nossos dias, faz e diz coisas inacreditáveis. Ora, uma tarde destas, Tobias saiu à pressa para ir a uma livraria do Chiado comprar um mapa-múndi. Chegado à livraria, veio um empregado atendê-lo e ele, com o pensamento embrenhado nalgum problema difícil, pediu:

— «Dê-me um mapa-múndi.»

O empregado trouxe-lhe um rolo que desdobrou na sua frente.

Tobias olhou para o mapa com um olhar vago e observou:

— «Eu quero um mapa-múndi mais pequeno, só com a Europa...».

O empregado ficou de bôca aberta e nem deu resposta.

Tobias, distraído, nem deu por isso e voltou para casa.

Nessa tarde estava nos seus dias de grande distração.

Mal chegou a casa, lembrou-se outra vez que saíra para comprar um mapa e que o não trouxera. Mas agora já não estava para sair outra vez e resolveu pedir pelo telefone que lho mandassem a casa. Procurou o

número telefónico doutra livraria e ligou.

— «Está lá?».

— «Está.»— respondeu o empregado da livraria.

— «Olhe, fazia-me o favor mandava-me aqui à rua tal, número tal, um mapa-múndi.»

— «Temos diversos tamanhos...» elucidava o empregado.

— «Mande-me um que não seja muito grande.»

— «Mas de que medida o deseja V. Ex.ª?».

— «Mande-me um que não seja muito grande!»

— «Mas como nós temos diversos tamanhos, o melhor era V. Ex.ª indicar mais ou menos o tamanho que deseja.»

Então, Tobias, poisando o auscul-

tador, abriu os braços em frente do telefone e berrou já zangado:

— «Olhe, assim, dêste tamanho mais ou menos...».

É claro que o empregado não ficou percebendo nada. Resolveu, por isso, mandar um mapa-múndi, do tamanho que entendeu.

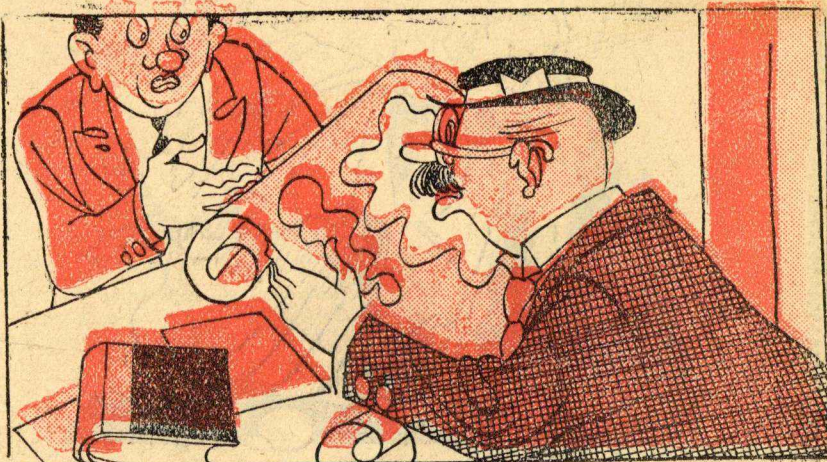
Tobias, ao receber o mapa, desdobrou-o cuidadosamente sobre uma mesa, sentou-se numa cadeira, pegou num lápis, pôs os óculos e dispôs-se a estudar. Porém, deitando um primeiro olhar ao mapa-múndi, reflectiu

— «Se vier uma guerra, pode-se alterar o mapa do mundo. A Europa deixa de ser o que é hoje. A África sabe-se lá...»

Enfim, o estudo da Geografia será outro.

Ora esta!... Eu que ainda não me tinha lembrado disto! Está visto que sa-

(Continua na página 3)



# A VELHA E O ALMOCREVE

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA



**D**URANTE os serões das longas noites de inverno, a velha tia Aninhas havia fiado aquela peça de linhofino. Contava com o dinheiro que ela rendesse, para comprar um anel à neta que

se casava daí a dias.

Mas o caso da venda do linho era um tanto difícil.

A velhota morava num casarão distante do lugar da feira, onde pensava vendê-lo. Andava muito trôpega... e as humidades do inverno davam-lhe cabo dos ossos...

Lembrava-se, saídosa, dos tempos em que, em menos duma hora, galgava a estrada e os atalhos e tôdas as semanas ali ia fazer as suas mercas.

Como o presente era surpresa para a cachopa, não queria encarregar ninguém da família daquela venda e da compra do anel.

Mas a data do casamento estava próxima. Era preciso apressar-se.

Assim, num Domingo, de manhãzinha, corajosamente, a tia Aninhas meteu-se a caminho, com a peça de linho à cabeça.

Andou, andou...

Como o sol escaldava, a pobre velha a meio da estrada já dava parte de fraca... sentia-se derreada...

O passo parecia chumbo!

Decidiu sentar-se à sombra duma árvore e descansar um bocadinho. Arreou o fardo e assim fez.

Estava já quasi a pegar no sono, cheia de cansaço, quando ouviu pas-

sos dum cavalo que se aproximava. Logo abriu os olhos e viu surgir, lá ao fundo da estrada, um almocreve com o seu macho.

Uma ideia repentina lhe passou pela cabeça.

Quando o homem já estava perto, deu-lhe os bons dias com ar prazenteiro.

Palavra puxa palavra, ficou sabendo que ele se dirigia para a feira.

Logo, decidida, lamuriou:

— «Pois, tiozinho, vocemecê é que me podia fazer um favor. Levava-me aí, com a sua mercadoria, esta peça de linho—(mostrava-lha).— Bem vê que o macho sempre tem pernas mais rijas que as minhas! Eu estou mesmo muito réles!...» — acrescentou, muito desconsolada, a boa da tia Aninhas.

Mas o almocreve, com ar abrutado, interrompeu-a: — «O meu macho não pode com mais carga. Tenha paciência, carregue vocemecê com o pano.»

E desandou, puxando o macho pelas rédeas.

A velhota ficou varada, resmungando numa revolta: — «Ora, o endemoninhado que não teve alma de me acudir!...»

Rancorosa, via-o afastar-se, já na volta dum atalho.

Mas pensou melhor, lembrada do arreganho com que ele lhe falara:

— «Onde tinha eu a cabeça!...»

Afinal, isto foi tudo por bem! Se tivesse entregado a peça a um maroto



daqueles, o figurão era bem capaz de ficar com ela!»

Já consolada por não ter caído em semelhante arrosca, sentia-se mais leve, mais forte. Tornou a carregar com a peça de linho e, resoluto, desatou a caminhar pela estrada fóra, indiferente ao ardor do sol e à poeira do caminho.

Nessa mesma ocasião, como movido por uma mola, o maladrete do almocreve parou a meio do atalho. Estava arrependido da maneira agressiva como tratara a tia Aninhas.

— «Fui um grande parvalhão! — pensou consigo. — Podia ter ficado com o linho da velha, sem nenhum custo! Se ela própria é que me entregava! E era bem fino, bem bom!... Mas ainda não está perdido, de todo! Talvez possa remediar a minha tansice!...» — e, voltando para trás, foi ao encontro da velhota.

Próximo dela, gritou-lhe: — «Olhe lá, mulherzinha... O macho descansou um pedacito... Pode, agora, levar-lhe o pano. Pensei melhor...»

— «Antes que vocemecê pensasse, pensei eu!» — Foi a resposta, muito pronta, da tia Aninhas que, seguindo o seu caminho com o passo firme, não mais olhou para o aparvalhado almocreve.



# CARTA DE LONGE

Por GRACIETTE BRANCO

— Minha estremecida mãe:  
Graças a Deus cheguei bem  
a tão distante lugar.  
No comboio não dormi,  
pois vim a pensar em ti  
como deves calcular.

Uma coisa me alegrara:  
meu pensamento encontrara  
sempre o teu, no seu caminho,  
pois juro — e com que alegria! —  
que levaste todo o dia  
a pensar no teu filhinho!

... Ai, Mãezinha!... Que saudade  
da tua grande amizade  
que em tudo se manifesta!  
Nas férias, eu a teu lado  
até me sinto mudado,  
tudo vive em ar de festa!

Mas não quero que me tomem  
por maricas; isso não!  
Venho aprender a ser homem  
que é a minha obrigação!

Quando, às vezes, só me vejo,  
tenho saudades do beijo  
que à noite me vinhas dar!  
Depois... quero pôr-me a rir,  
mas sem saber, sem sentir,  
vejo que estou a chorar!...

Os mimos que me tens dado,  
o carinho desvelado,  
tua meiguice infinita,



agora, que a vida é dura,  
são uma grande tortura,  
a magoar-me, acredita!

Os rapazes, minha Mãe,  
não devem tratar-se bem  
com ternura desmedida,  
para traz as comoções,  
temos que ser uns leões  
na grande pista da Vida.

Do regaço maternal  
passamos para o brutal

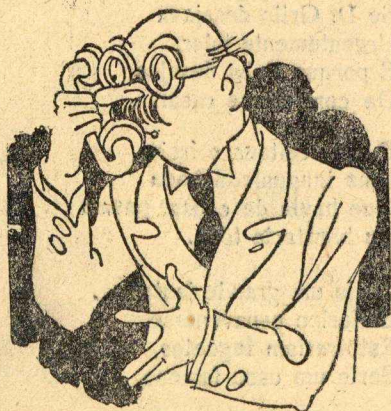
embate que faz sofrer,  
e, depois... o resultado  
é por cada beijo dado  
uma lágrima a correr!...

Mãezinha! Agora, perdô:  
as coisas que digo, à tóa,  
nesta fôlha de papel,  
vai pensando sempre em mim.  
Beijos sem conta, sem fim,  
do teu filho

MANUEL

## Peripécias de Tobias Filósofo

(Continuação da página 1)



me ponho agora a estudar o mapa-  
múndi é um riquíssimo tempo per-  
dido!».

E, reflectindo nisto, Tobias-Filósofo  
depôs o lápis, tirou os óculos, levan-  
tou-se da cadeira e tornou a enrolar  
o mapa-múndi, o qual não tornou a  
abrir até hoje.



## Adivinhas

I

Dizem que sou pequenino  
mas isto é falso no fundo,  
pois que já foi meu destino  
abranger o meu domínio  
as cinco partes do mundo.

II

Eu sou a flôr da Nobreza,  
quem o diz logo apregôa;  
e o meu próprio nome reza,  
grita, afirma que sou boa.

Solução das adivinhas anteriores:

- 1.<sup>a</sup> — Pena.
- 2.<sup>a</sup> — Conta.
- 3.<sup>a</sup> — Gato.

# DONA BARATA E O SEU NOIVO

Por FELIZ VENTURA

**D** Barata era ilustre  
Em tôda a barataria,  
Pois, na sua geração,  
Só bons fidalgos havia.

Era solteira e dizia:  
— «Eu cá não quero casar.  
Os maridos são tão maus  
E custam tanto a aturar!...»

E, com modos importantes,  
Repetia sem cessar:  
— «Solteirinha tôda a vida!...  
Nunca me hão-de ver casar.»

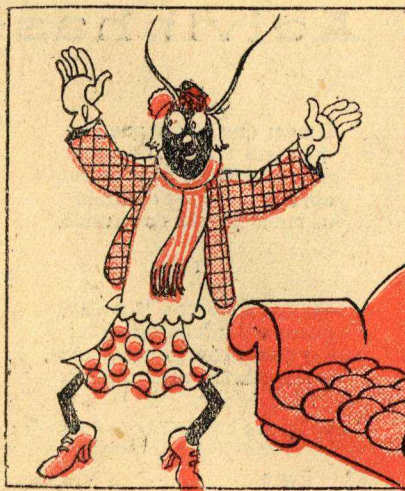
Claro, tudo isto só eram  
Palavras sôltas ao vento.  
O que ela mais desejava  
Era arranjar casamento.

Muitas vezes, alta noite,  
Soltando pranto sentido,  
Ouviam-na murmurar:  
— «Ai, que eu fico sem marido!»

Assim, quando ela dizia  
Que não queria casar,  
Logo tôda a gente ria  
Por ser falso tal falar.

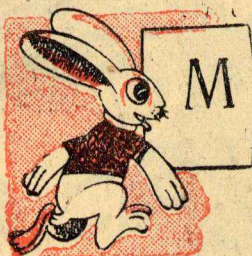
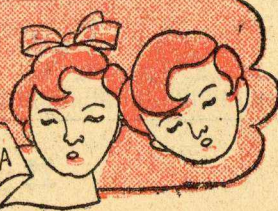
Certo dia, estando ela  
Na sua sala sentada,  
Ouviu-se no telefone  
Uma forte campainhada.

E uma voz soou, dizendo  
Que D. Grilo lá iria



# Os meninos perdidos

Por AUGUSTO DE SANTA RITA

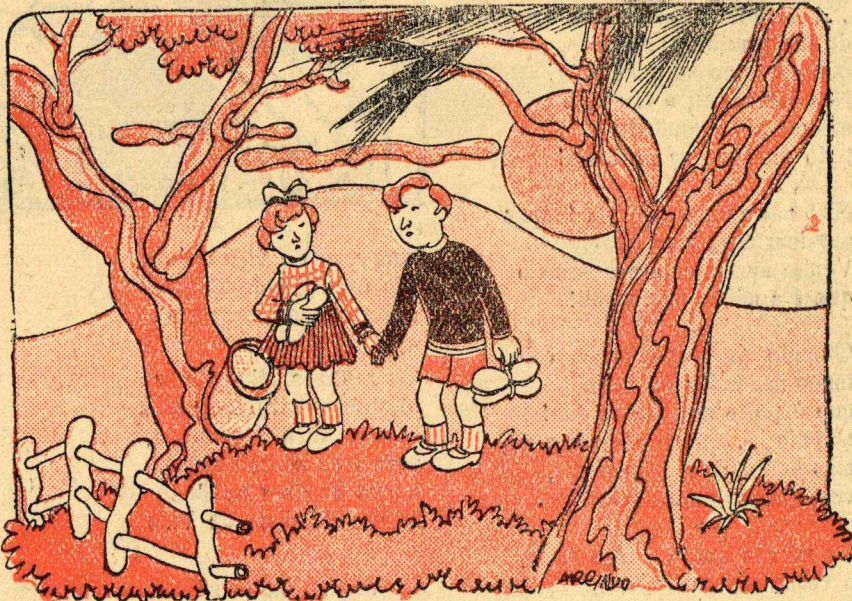


**M**ÁRIO e Mariazinha eram dois irmãos gêmeos, de oito anos de idade. Muito traquinas, estava a v a m sempre a arrelhar os seus papás, fugindo constantemente das suas vistas para, à-von-

tade, fazerem tôda a espécie de travessuras.

Certo dia, à tardinha, Mário e Maria combinaram passar uma noite inteira fóra de casa, percorrendo, a pé, os arredores da Vila onde moravam. — «Que lindo devia ser o pinhal, à noite, todo iluminado pela luz do luar!...» — dizia o pequenino aventureiro para a irmãzinha que era da mesma fôrça.

Combinada a partida, os dois travessos irmãos correram a casa, foram, pé ante pé, à cozinha, donde tiraram



Fazer-lhe uma visitinha,  
Pois falar-lhe muito qu'ria.

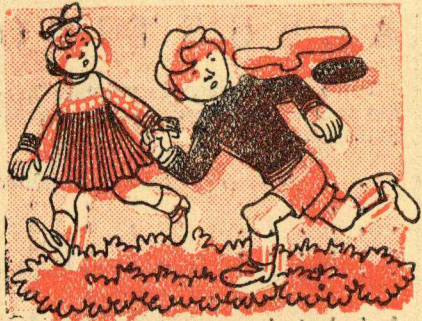
— «Que venha! — respondeu ela,  
Tôda cheia de alegria. —  
Vou ficar muito contente.  
É o Senhor que o envia!»

E mal sentiu o ruído  
Do aparelho a desligar,  
A linda D. Barata  
Até se pôs a dansar.

Se D. Grilo desejava  
Urgentemente falar,  
É porque tinha desejos  
De com ela se casar.

E ela aceitava e faria  
Uma desigualada boda  
Que havia de causar pasmo  
Na barataria tôda.

Daria um grande jantar...  
Bailarico espaventoso,  
Estoirariam foguetes,  
Seria um caso famoso.



# COSTUMES PORTUGUESES

## TIPOS DA BEIRA-BAIXA

um farnel para jantarem debaixo dos pinheiros e puseram-se a caminho da pitoresca jornada ao soarem, na torre da ermida, as seis horas da tarde.

De mãos dadas, Mário e Mariazinha seguiam já, cantarolando, a meio do vale sombrio, a caminho do pinhal distante. Andaram, andaram, até que, já fatigados, se sentaram num pedregulho. Mário e Mariazinha desembrulharam, então, o pequeno farnel e deram começo à sóbria refeição. Finda esta, ergueram-se e, de novo, se puseram em marcha. Haviam atingido já a entrada do pinhal, dominando os longes...

O sol sumira-se e a noite, com seu cortejo de sombras, tudo abraçava agora. Mariazinha começava a chegar-se muito para o irmão e a olhar, de soslaio, para a caruma que restolhava sob os seus passos indecisos, receosamente. Um súbito espantear de asa oculta, entre as agulhas dum esguiu pinheiro, fez estremecer a pequenita, cujo terror aumentava de momento a momento.

— «Vamos embora... Voltemos para casa, que estou cheia de medo!... balbuciou Mariazinha para o irmão, tôda a tremer como varas verdes.

— «Medo de quê?» retorquiu este, fazendo-se valente, embora começasse a sentir-se invadido também por uma vaga impressão de temor.

Nisto um cão faminto, de cauda

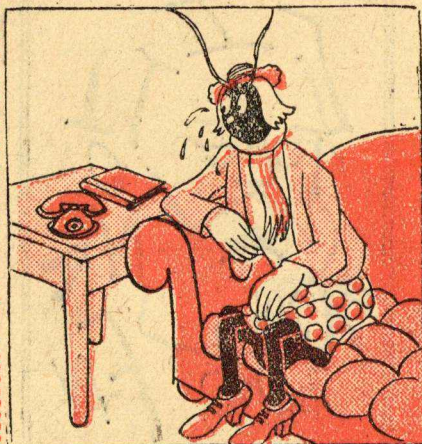
(Continua na página 6)



Beirões, gente franca e rude,  
de sangue bem português,  
que tem por timbre a altivez  
e tem por força a Virtude.

Elas com saia de roda  
e coletinho mimalho,  
partindo para o trabalho,  
como vão para uma boda.

Eles, com todo o espanto,  
ostentando a bela andaina;  
tal como vão para a faina  
assim vão a casamento.



E, pensando nisto tudo,  
Dava pulos de contente,

Com os olhinhos brilhando  
E a boquinha sorridente.

Quando, daí a momentos,  
A campainha soou,  
Preguntou com voz suave:  
— «D. Grilinho já chegou?»

— «Não chegou, minha senhora,  
— Disse-lhe a sua criada. —  
Foi D. Abelha que entrou,  
Por engano, nesta escada.»

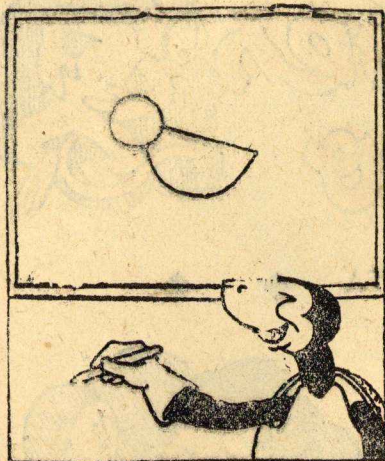
Daí a mais um momento  
A campainha soou.  
D. Barata pergunta:  
— «D. Grilinho já chegou?»

Novamente a criadita  
Lhe responde que inda não.  
(D. Barata já sente  
Aos pulos o coração).

(Continua na página 6)

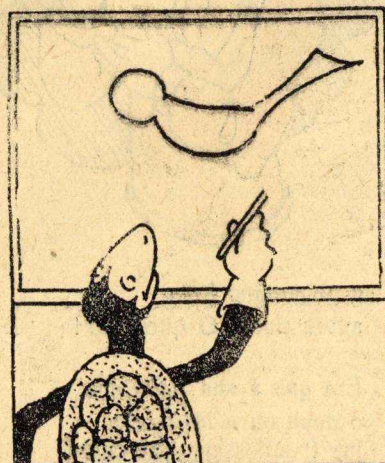


APOLLO, PROFESSOR DE DESENHO



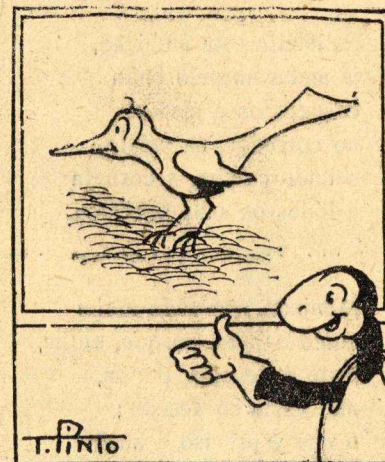
I

Que tal achas, amiguinho, estes traços que aqui estão?



II

Sentido certo não têm; Porém, retocando-os bem,



III

Neste lindo passarinho, Vêm por força a dar, então

CURIOSIDADES

A ORIGEM DO CALÇETAMENTO DAS RUAS

Segundo uma tradição narrada por Isidoro de Sevilha, foram os cartaginêses os primeiros homens que tive-



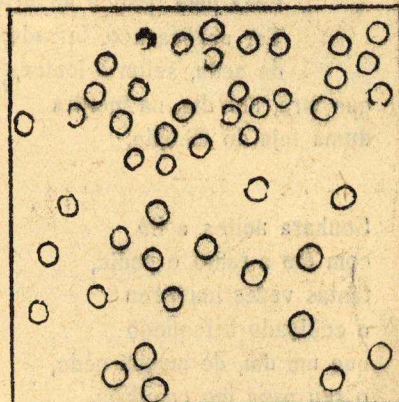
ram a idéia de calçar as ruas das cidades.

Os romanos adoptaram esse uso muito mais tarde, mas somente o applicaram às ruas mais importantes das principais cidades.

O calçetamento foi raríssimo em toda a idade média, e era geralmente construído por lajes quadradas, que chegavam a atingir 1,20 de lado, e ainda mais.

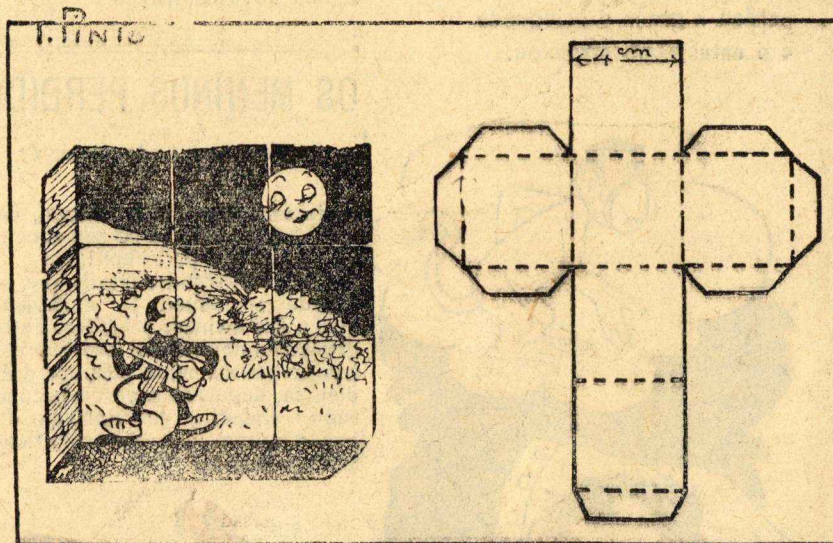
PROBLEMA

Neste quadrado estão desenhadas 45 bolinhas. O problema consiste em traçar sobre o desenho, com um com-



passo, 3 crículos de forma que as bolinhas fiquem separadas em 9 grupos de 5.

U M « P U Z Z L E »



Vamos proporcionar aos amiguinhos do nosso suplemento, um engraçado entretenimento que é, ao mesmo tempo, um lindo brinquedo.

Recortem seis estampas coloridas, que meçam 12 centímetros quadrados, em 9 quadradinhos cada estampa. Reproduzam nove vezes em cartolina o segundo desenho, dobrem-os, depois de recortados, pelas linhas tracejadas, de forma a obterem nove pequenos cubos e coleem, em cada face, os 54 quadradinhos a que ficaram reduzidas as seis estampas. Reconstituam, em seguida, unindo os cubos, as estampas e terão, finalmente, um lindo «puzzle».



# As ambições do menino



Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

O pequenino João tinha uma grande ambição: Ter um macaco, forrado de seda, setim e lontra, que vira, um dia, na montra duma loja do Chiado.

Sonhara noites a fio com êle e tanto o pediu, tantas vezes implorou o cobiçado brinquedo que um dia, de manhã cedo, o seu papá lho comprou.

Foi de festa aquele dia. Uma infinita alegria seu coração inundou; mas, dentro em pouco, bem cedo, perdeu a graça o brinquedo e o entusiasmo afrouxou.

Atirado para um canto, perdera todo o encanto o macaquinho de lontra; a sua grande ambição

era, agora, ter um cão, que vira na mesma montra.

Tanto o pediu que a mamã, ao saír, certa manhã, comprou o cão ao menino que ficou todo contente, a-pesar dêste presente ter tido o mesmo destino.

Atirado para um canto, também perdera o encanto o cão que tanto quisera; e uma nova aspiração



o pequenino João agora tinha. O que era?!

Era que a sua Avòzinha, o papá ou a Mãezinha lhe trouxessem uma caixa com soldadinhos de chumbo, uma corneta e um bumbo dum outro bazar da Baixa.

## OS MENINOS PERDIDOS

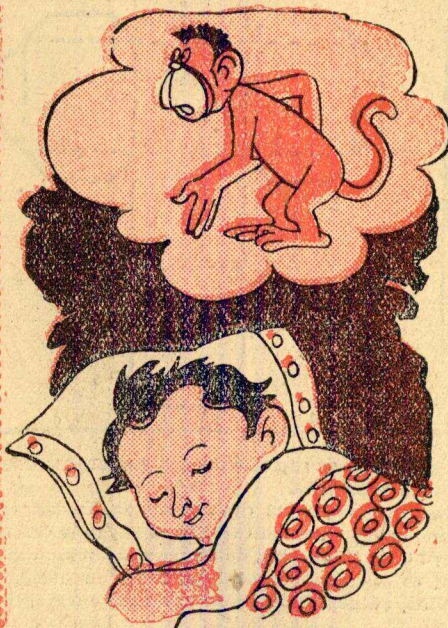
(Continuação da página 6)

exclamaram ao mesmo tempo, dando uma grande corrida ao seu encontro: —«Os pais, os paizinhos!...»

Eram, na verdade, os pais que, numa grande ansiedade, já andavam em busca dos meninos perdidos. Entre lágrimas, os abraçaram mas repreenderam-os severamente pela sua desobediência, depois de haverem recompensado o simpático garotinho que de tão boa vontade se havia prontificado a acompanhá-los.

Satisfeita esta ambição, já andavam pelo chão esquecidos e pisados, no corredor, na saleta, o lindo bumbo, a corneta e todos os seus soldados.

Meninos, não sêde assim como o João, porque, enfim, justo é desejar, porém, não basta só desejar; o que é preciso é amar aquilo que já se tem!



■ ■ F I M ■ ■